

## **EDUCAÇÃO E LÍNGUA(GEM) COMO PERFORMATIVIDADE: PENSANDO NOVOS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

*Marco Túlio de Urzêda Freitas (UFG)*  
[marcotulioufcultura@gmail.com](mailto:marcotulioufcultura@gmail.com)

Ao longo dos últimos anos, especialmente após as viradas linguística, somática e performativa, muitos/as pesquisadores/as têm procurado refletir sobre o papel do ensino de línguas estrangeiras na luta por uma sociedade mais democrática. Assim, tais reflexões perpassam, entre outros, os seguintes questionamentos: Como língua(gem) e educação, a saber, dois dos aspectos mais essencialmente políticos da vida, operam na (re)produção de construtos linguístico-discursivos que promovem desigualdade e dependência? Como o ensino de línguas estrangeiras pode transgredir, subverter e/ou problematizar esses discursos e práticas hegemônicas? (PENNYCOOK, 1998). Essa proposta de se vincular o contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras ao contexto social mais amplo, cujos conflitos de classe, raça, gênero, sexualidade etc., se descortinam por meio das diversas formas de manifestação da cultura, busca respaldo em uma concepção pragmática de língua(gem) e educação, que compreende o ato de fala e o próprio ato de educar como duas atitudes performativas (HOOKS, 1994). De acordo com Austin (1962), o conceito de performatividade está relacionado à ideia de ação; portanto, a língua(gem) é performativa porque ela não apenas descreve situações do cotidiano, mas também age sobre elas produzindo efeitos em âmbito social. Deste modo, ao compreendermos o falar e o ensinar como fazer, somos levados/as a refletir acerca de três questões: O ensino de línguas estrangeiras é performativo? Se sim, que ações/efeitos ele produz na sociedade? Que ações são e/ou podem/devem ser produzidas por professores/as de línguas estrangeiras? Amparado pelas pesquisas que venho desenvolvendo desde 2007 no Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás (URZÊDA FREITAS, 2009a, 2009b, 2010), nesta comunicação pretendo me valer da teoria pragmática (AUSTIN, 1962;

MARCONDES, 2000; SOUZA FILHO, 2006) para discutir os novos caminhos da formação de professores/as de línguas estrangeiras (CONTRERAS, 2002; NORTON, 2005; MATEUS, 2009), os quais definem a sala de aula como um espaço de conflito e os/as professores/as como intelectuais críticos/as e transformadores/as, isto é, como profissionais que agem contra-hegemonicamente por meio de suas práticas pedagógicas (GIROUX, 1997).